



A HISTÓRICA RETOMADA DIPLOMÁTICA ENTRE OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E CUBA¹

Ana Carolina Loose²

Andressa Medeiros Venturini³

Gabriel Holler⁴

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar o relato histórico que foi a retomada das relações diplomáticas entre Estados Unidos da América e Cuba, abordando desde sua separação político, pelo meio histórico, até a volta do diálogo entre os países nos dias de hoje. No artigo pretende-se, através do método dialético, realçar a importância de tal assunto para a sociedade americana e para a sociedade cubana, bem como a sua representação simbólica no cenário mundial. Por fim, busca-se em sua conclusão mostrar como outros países no mundo puderam ajudar na retomada das relações políticas entre os países, abordando a magnitude de tal evento histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Relações Diplomáticas; Estados Unidos; Cuba; Embargo Econômico.

ABSTRAC

This article aims to present the historical account that was the resumption of diplomatic relations between the United States and Cuba, addressing since its separation policy, the historic environment, to back the dialogue between countries these days. In the article it is intended, through the dialectical method, highlight the importance of this issue for American society and Cuban society as well as its symbolic representation on the world stage. Finally, search in its conclusion that show how other countries in the world could help in the resumption of political relations between countries, addressing the magnitude of this historical event.

KEYWORDS: Diplomatic Relations; U.S; Cuba; Economic Embargo.

INTRODUÇÃO

¹O presente artigo foi elaborado como instrumento de pesquisa feito através do Grupo de Pesquisa e Extensão do Núcleo de Direito Internacional (NEDI) da Faculdade de Direito de Santa Maria (FADISMA).

²Autora. Acadêmica do sexto semestre do curso de Direito da FADISMA. Endereço eletrônico: analoose@outlook.com

³Autora. Acadêmica do oitavo semestre do curso de Direito da FADISMA.

⁴Autor. Acadêmico do sexto semestre do curso de Direito da FADISMA. Endereço eletrônico: gabriel.holler@hotmail.com



Desde o seu descobrimento, o arquipélago cubano sempre viveu relações conflituosas, tanto por parte dos espanhóis, como por parte dos estadunidenses. Quem tinha o domínio da ilha, não buscava desenvolvê-la, mas sim explorá-la colonialmente. Ao longo dos tempos, Cuba foi buscando sua própria independência, tentando, por meio de vários conflitos armados, ter um controle de fato e de direito sobre seu território. Por muitos anos, Cuba recebeu uma sanção econômica pelos Estados Unidos da América (EUA), conhecido como embargo econômico a Cuba, sendo econômico, comercial e financeiro, e que resultou em um grande entrave na sua economia, evitando seu desenvolvimento e proporcionando a pobreza de sua população.

Todavia, não foram apenas os cubanos que sofreram com a sanção dos EUA em seu território. Os próprios norte-americanos deixaram de ganhar muito capital com o embargo, visto que dependiam de alguns produtos cubanos.

Deste modo, ambos os países viram a necessidade de retomar suas relações diplomáticas. A reaproximação começou com uma troca de prisioneiros entre os países e, atualmente, já se encontram reabertas embaixadas, o que mostra o grande avanço diplomático que se teve.

Neste sentido, pretende-se fazer uma análise de seu contexto histórico, buscando explorar a historicidade da ilha, a motivação que levou os EUA a sancionar um embargo econômico ao arquipélago cubano, e, por fim, a retomada de relações diplomáticas entre estes países.

1. HISTORICIDADE DE CONFLITOS ENTRE ESTADOS UNIDOS E CUBA

As relações diplomáticas entre Estados Unidos da América e Cuba são polêmicas. A partir dos conflitos da guerra fria, estes países começaram a possuir um desacordo com relação a suas ideologias políticas e sociais.

Porém, as relações entre Cuba e EUA nem sempre foram conflituosas, como, por exemplo, na época do início da Independência Cubana. Os norte-americanos, que possuíam influência na economia açucareira e no comércio cubano, ajudaram a expulsar os espanhóis



desse território, culminando na perda do controle de Cuba e a assinatura do Tratado de Paris de 1898. (RAINER SOUSA, 2016)

Os EUA fizeram incluir na Constituição Cubana de 1901 a Emenda Platt, dando início à tutela político-econômica norte-americana sobre Cuba. Além de ceder aos EUA uma área de 117km² - a Baía de Guantánamo, ainda hoje uma base norte-americana em solo cubano -, Cuba ficou sob ameaça de uma invasão norte-americana e o jugo de governos locais ditatoriais, como de Gerardo Machado, até 1933, e de Fugêncio Batista, de 1934 a 1958. (CLÁUDIO VICENTINO E GIANPAOLO DORIGO, 2012)

Criado sob o propósito de “proteger” Cuba das invasões europeias, a Emenda Platt foi um dispositivo, que foi inserido na Constituição Cubana de 1901, que permitia os EUA intervir no país política e militarmente, a qualquer momento, quando o interesse de ambos os países fossem ameaçados. Segundo Fidel Castro, socialista e um dos líderes da Revolução Cubana, “a emenda determinada pelos Estados Unidos só contribuiu para a intensificação do colonialismo econômico da ilha”. (THIAGO FERREIRA DA SILVA, 2006)

1.1 Independência de Cuba

O arquipélago de Cuba foi descoberto em 1492, pelo explorador Cristóvão Colombo, tornando-se uma colônia espanhola. Com suas belas riquezas, o país foi alvo de pessoas que se aproveitavam dos bens que a terra produzia como, por exemplo, açúcar e o tabaco. Devido a esse aproveitamento por parte dos detentores do poder, o país acabou por sempre possuir guerras e rebeliões civis e, uma delas, acabou por levar o país ao caminho da luta pela sua independência. (LEANDRO SALTINI, 2013)

Cuba era uma das principais produtoras de açúcar do século XIX. Isso fez com que o interesse dos Estados Unidos sobre a colônia espanhola crescesse, chegando a realizar propostas econômicas ao governo espanhol para que cedesse a soberania do arquipélago. (PATRICIA CARVALHO, 2013)

A guerra hispano-americana foi um combate entre americanos e espanhóis, onde o interesse norte-americano era de domínio das colônias espanholas, entre elas, Cuba. O pretexto para a declaração de guerra foi o da explosão do couraçado americano “USS Maine” no dia 15 de fevereiro de 1898. Os EUA alegavam que iriam proteger os cubanos da grande



repressão que sofriam da Espanha. A batalha, que durou pouco mais de oito meses, terminou com vitória militar estadunidense. Foi a primeira grande vitória militar norte-americana, o que impulsionou os EUA para o primeiro plano das disputas políticas globais. (EMERSON SANTIAGO, 2012)

O domínio espanhol sobre Cuba durou quatro séculos. No dia 10 de dezembro de 1898 a Espanha, após ter sido derrotada pela invasão americana a Cuba, assinou com os Estados Unidos o Tratado de Paris que pôe fim à dominação espanhola na ilha. No dia 1º de Janeiro do ano seguinte, os Estados Unidos estabeleceram um governo militar na ilha. Durante quase quatro anos os Estados Unidos mantiveram a ocupação da ilha através de um governo militar. (GABRIEL LOGOS, 2015)

Os espanhóis não tiveram forças para enfrentar a ocupação dos Estados Unidos nos territórios cubanos e, no fim do século XIX, acabaram cedendo o controle de Cuba para os americanos, tornando Cuba independente do povo espanhol, através do Tratado de Paris. (AMOEDO, 2012)

Após a Guerra Hispano-Americana, foi assinado o Tratado de Paris por Espanha e EUA. Com isso, os estadunidenses passaram a ter uma influência sobre Cuba, onde conseguiram fazer com que a Assembleia Constituinte cubana colocasse na sua Constituição a Emenda Platt, dando poder aos EUA para intervir nos assuntos internos do país, impossibilitando Cuba de se tornar uma nação soberana. (GABRIEL LOGOS, 2015)

Assim, Cuba passou a ser um protetorado estadunidense em razão da Emenda Platt – um dispositivo legal, inserido na Carta Constitucional de Cuba, autorizando a intervenção americana a qualquer momento, quando interesses comuns a esses dois países fossem ameaçados. Os americanos construíram uma base militar na ilha, a Base de Guantánamo, base esta que ainda está em atividade em solo cubano. (ANTÔNIO GASPARETTO JUNIOR, 2016)



Entretanto, o povo não estava satisfeito em ser influenciado por outro país e buscava a real independência. Em 1953, Fidel Alejandro Castro Ruz, um revolucionário comunista cubano, juntamente com um grupo de jovens, começou uma luta contra o quartel de Moncada, em Santiago, com o pretexto de acabar com as desigualdades presentes no Estado. A população cubana foi às ruas, liderada por Fidel Castro, e acabou afugentando o ditador Fulgencio Batista, em 31 de dezembro de 1958. Este acontecimento é um marco histórico para o povo cubano que, em 1 de janeiro de 1959, conseguiu atingir seus objetivos e ter o poder de seu próprio território, através de uma luta entre os rebeldes liderados por Fidel Castro e os americanos. (LEANDRO SALTINI, 2013)

1.2. A Revolução Cubana

Considerando que a Revolução Cubana repercutiu de maneira única em toda a América Latina, é imprescindível a realização uma análise pormenorizada dos fatos que possibilitaram o êxito na luta de Fidel Castro e seus companheiros contra a ditadura de Fulgencio Batista.

De início, imperioso trazer o conceito genérico de revolução, que pode ser definida como “(...)o conjunto de processo de mobilização, organização e luta do povo, em condições históricas concretas, contra o poder instituído, pela construção de um novo poder político que dirija as transformações radicais das estruturas dominantes na sociedade.”.(EMIR, 1985, p.5)

Nesse sentido, a Revolução Cubana foi aquela em que um movimento guerrilheiro, em resistência ao governo ditatorial de Batista, representou o desagrado da população em relação às precárias condições de vida, corrupção excessiva e a própria subordinação de Cuba aos EUA, de modo a tomar o poder e instaurar um regime revolucionário naquele país. (EMIR, 1985, p.5)

O marco inicial da Revolução Cubana foi o assalto ao quartel de Moncada em 1953, o qual era um dos locais mais importantes para o armazenamento de armas do Exército cubano. No entanto, o ataque fracassou, deixando inúmeros participantes mortos e causando o aprisionamento de Fidel e seu irmão. (MENDES, 2009, p.3)



Ao serem libertados por anistia, Fidel e seus companheiros se exilaram no México, local em que conheceram “Che” Guevara e passaram a planejar a volta para Cuba, com fins de reiniciar a luta. Ocorre que, em 2 de dezembro de 1956, no momento do desembarque dos guerrilheiros que estavam no iate Gramna, foram violentamente atacados pelo Exército cubano. (EMIR, 1985, p.79).

Inobstante o ocorrido, a organização dos movimentos de luta armada contra a ditadura de Batista se fortaleceu nos anos posteriores, sobretudo pela intensa mobilização popular, advinda da união daqueles que estavam no campo com aqueles que se encontravam na zona urbana. Tudo isto corroborou para que, no início do ano de 1959, Batista fugisse para a República Dominicana, junto de seus assessores. (MENDES, 2009, p.4; EMIR, 1985, p.80).

Nos anos seguintes, com a implantação de um governo revolucionário, que mais tarde se instituiria em um regime socialista, Cuba afastou a dependência que o prendia aos Estados Unidos. Nesse sentido, ante a relevância política da Revolução Cubana e as suas implicações em toda América Latina, convém ressaltar as palavras de Emir Sader:

a revolução cubana é um dos poucos exemplos neste continente que realmente merece o nome de revolução, qualquer que seja o juízo que se faça sobre o seu caráter. Ela não é apenas um produto histórico da mobilização popular, mas é o desenvolvimento de um programa de transformações democráticas, nacionais e socialistas que modificou substancialmente a sociedade cubana nas décadas transcorridas desde a fuga de Batista para o exterior e a instalação do poder revolucionário em Havana. ((EMIR, 1985, p.2)

Ademais, é imperioso salientar que, em que pese o fato de que o desfecho da Revolução Cubana tenha sido a implantação do socialismo na ilha, a sua promoção não foi realizada pelos comunistas em plena Guerra Fria. Os líderes do movimento guerrilheiro, ainda que compactuassem com algumas ideias advindas do Marxismo, não eram membros de qualquer partido comunista. (BANDEIRA, 2008, p.1)

Neste aspecto, traz-se à baila o pensamento de Emir Sader, o qual afirma que Revolução Cubana “não somente surgiu onde menos se esperava que existissem as condições para o socialismo – num país com pequena classe operária, ao contrário da Argentina, Chile, México, Uruguai e Brasil – como nem sequer foi dirigida por marxistas - socialistas ou comunistas.”. (EMIR, 1985, p.7).



Desse modo, consoante o entendimento de Bandeira, “a revolução cubana foi autóctone, teve um caráter nacional e democrático”. Isto porque o país não possuía condições para realizar tal revolução, senão como a forma em que se deu, qual seja, por intermédio de uma revolução agrária e democrática. Portanto, foi através do nacionalismo que o governo se instaurou, para, após isso, estimular o desenvolvimento industrial e econômico, e obter a almejada independência nacional. (BANDEIRA, 2008, p.1 e 2)

A partir de então, verificou-se um período marcado pelo militarismo na América Latina, sobretudo sob o argumento de evitar o surgimento de um novo Fidel Castro.

Tudo isto demonstra o quão relevante fora a Revolução Cubana e como seus efeitos permeiam toda a história da América Latina.

2. GUERRA FRIA

Com o término da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos e a União Soviética começaram a travar uma guerra, disputando o poder pela hegemonia política, econômica e militar no mundo. Eis, então, que começa a Guerra Fria.

De um lado, os Estados Unidos da América, com seu capitalismo forte e sua potência no cenário mundial, tendo como objetivo espalhar pelo mundo o sistema capitalista, que era baseado em uma economia de mercado, um sistema democrático e a propriedade privada. Do outro lado, a União Soviética, com seu sistema socialista, sendo ele baseado em uma economia planejada, comandado por um partido único, conhecido por Partido Comunista e uma igualdade social baseada na ausência de democracia. Igualmente objetivando espalhar pelo mundo o seu sistema de vida.



Cuba, liderada por Fidel Castro, entra na Guerra Fria para apoiar os princípios da União Soviética, o que resultou em um corte total nas relações entre Estados Unidos e Cuba, levando o país a pedir ajuda financeira, militar e técnica à União Soviética. (ELIANE PERCÍLIA, 2016)

A Guerra Fria terminou oficialmente com o fim da União Soviética, em dezembro de 1991, embora seu encerramento já tivesse sido efetivado com a queda do Muro de Berlim, em novembro de 1989. A partir de então, instaurou-se um novo mundo, baseado em novas relações econômicas e geopolíticas, que não mais trazia a anterior marca da divisão Leste-Oeste nem mais o velho confronto entre o bloco capitalista e o socialista. Esse mundo passou a ter novas características, destacadamente a completa hegemonia da ordem capitalista, e compunha o que alguns preferiam chamar de nova ordem internacional. (CLÁUDIO VICENTINO E GIANPAOLO DORIGO, 2012)

Com a queda da União Soviética e sem relações com os Estados Unidos, Cuba acabou entrando em uma crise econômica. Então, os Estados Unidos, visando a queda do socialismo no mundo, intensificou o Embargo Econômico a Cuba.

2.2 Origem do Embargo Econômico

Em meio a Guerra Fria, período histórico de gigantesca tensão política, a ilha de Cuba viveu sua grande revolução, que culminou com a expulsão do ditador Fulgencio Batista do país. Durante esta revolução, os estadunidenses ficaram em alerta, pois as medidas que Cuba estava tomando internamente, de nacionalização de indústrias e a sua reforma agrária, instigou o pensamento norte-americano de que a ilha estava aderindo ao sistema socialista soviético, seus rivais na Guerra Fria. (ÉPOCA NEGÓCIOS, 2015) Com essa desconfiança, os norte-americanos começaram gradualmente a restringir o comércio com a ilha. Entretanto, os Estados Unidos dependiam da importação de açúcar cubano em seu país. (ÉPOCA NEGÓCIOS, 2015)



Todavia, o governo cubano, com a percepção de que os norte-americanos estavam prejudicando a economia de seu país, decide se aproximar da União Soviética (URSS). Essa aproximação se deu com a exportação de produtos cubanos a preços altos, e a importação de petróleo soviético por um valor abaixo do preço médio, onde a exportação cubana incluía também o seu açúcar, do qual os estadunidenses eram dependentes. (ÉPOCA NEGÓCIOS, 2015)

Não obstante, a resposta veio em seguida, onde o recém-eleito Presidente John Fitzgerald Kennedy, ordenou que as restrições comerciais com a ilha se tornassem mais amplas, definindo o embargo econômico. (ÉPOCA NEGÓCIOS, 2015)

Com o fim da União Soviética, os Estados Unidos decidem deixar ainda mais rigorosa a relação comercial entre os norte-americanos e os cubanos, com a finalidade de forçar o país a se tornar um mercado capitalista, por intermédio da Lei Torriceli (1992), permitindo ao presidente norte-americano punir os países que prestassem assistência à ilha e impedindo o envio de alimentos, salvo nos casos humanitários. Houve, também, a Lei Helms-Burton (1996), que permitia a punição por meio judicial das empresas, tanto nacionais quanto as filiais estrangeiras, que comercializarem com a ilha de Cuba. (EDUARDO HERRMANN, 2015)

A regulamentação do embargo se dá por um estatuto chamado de Lei de Comércio com o Inimigo, mais conhecido como “Regulação de Controle dos Bens Cubanos”, (G1, 2014), renovada anualmente pelos presidentes que foram assumindo a presidência norte-americana após John F. Kennedy. (EFE, 2015)

Na comunidade internacional, a Organização das Nações Unidas (ONU), condena o embargo econômico dos Estados Unidos contra Cuba todos os anos desde 1991, onde, dos 193 países membros, as únicas nações que são a favor do embargo são os Estados Unidos da América e seu aliado histórico, Israel. (TERRA, 2015)



Após 53 anos de embargo econômico e um custo de, segundo o chanceler cubano Bruno Rodriguez, US\$1,157 trilhão (G1, 2013), em 17 de dezembro de 2014, Barack Obama, Presidente dos Estados Unidos e Raúl Castro, Presidente de Cuba e também irmão do ex-presidente Fidel Castro, anunciam a retomada das relações diplomáticas. (G1, 2014)

Sendo assim, após mais de cinco décadas de um embargo que custou caríssimo para ambos, os países parecem estar indo por um próspero caminho, aonde, gradativamente, os norte-americanos vão relativizando suas sanções, com a finalidade um entendimento com a ilha cubana e uma retomada de acordos comerciais que os beneficiarão, deixando para trás uma relação historicamente conturbada.

3. INÍCIO DO DIÁLOGO ENTRE ESTADOS UNIDOS E CUBA

Após 53 anos do rompimento das relações entre Estados Unidos e Cuba, a retomada das conversas entre os dois países se deu de forma lenta e burocrática. O retorno das relações diplomáticas pode ser considerado o primeiro passo para o término do embargo econômico imposto pelos Estados Unidos desde 1962.

Por volta de 2014, o então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, começa o processo de retomada das conversações com Cuba, com o intuito de acabar com o embargo econômico. (LEANDRA FELIPE, 2014)

Apesar da retomada do diálogo, a suspensão do embargo econômico não será imediata porque a sanção não pode ser removida por decisão presidencial. O Congresso norte-americano precisa aprovar uma lei para anular o embargo, estabelecido por meio de normas federais. Algumas vigoram desde 1962, ano em que a sanção começou a ser aplicada, outras foram sendo votadas ou modificadas posteriormente. Entre elas estão a Lei Torricelli (lei para Democracia Cubana) de 1962, aprovada pelo Congresso e que incrementou sanções anteriores, e a chamada Lei Helms-Burton, de 1996, que também ficou conhecida como Lei de Liberdade e Solidariedade Democrática Cubana. (LEANDRA FELIPE, 2014)



A volta do diálogo entre EUA e Cuba teve início no dia 17 de dezembro de 2014, quando “o presidente do Conselho de Estado Raúl Castro anunciava o retorno a Cuba dos três últimos prisioneiros antiterroristas cubanos, que permaneceram em cárceres norte-americanos por mais de 16 anos.” (JOSÉ REINALDO CARVALHO, 2015)

Tal evento foi uma surpresa para todas as pessoas no mundo. No Brasil, a então presidente Dilma Rousseff fez uma declaração em favor ao momento histórico entre EUA e Cuba.

O anúncio conjunto marcava o ponto culminante de conversações secretas entre os Estados, mantidas em tal sigilo que mesmo pessoas próximas aos círculos de poder dos dois governos não sabiam das tratativas. Um dia antes, Obama e Raúl haviam conversado por telefone e acertado os detalhes finais. A presidenta Dilma, na mesma quarta-feira, declarou que “nós lutadores sociais nunca imaginávamos, jamais imaginamos viver esse momento histórico”. A presidenta, ao se referir aos “lutadores sociais”, muito sutilmente fazia menção a um aspecto da recente notícia: a retomada das relações diplomáticas entre Cuba e EUA representava uma vitória incontestável da luta social, dos movimentos de solidariedade a Cuba e, fundamentalmente, da resistência cubana. (JOSÉ REINALDO CARVALHO, 2015)

A troca de prisioneiros entre os países foi o ponto de partida para esta vitória da luta social. Os prisioneiros cubanos foram recebidos em Cuba como heróis, o que fez com que o povo cubano se sentisse honrado com a atitude americana em libertar e mandar de volta para seu país os seus heróis. Em resposta a atitude americana, Cuba libertou o então prisioneiro americano Allan Gross. Apesar de o prisioneiro alegar que os EUA não estavam interessados em sua liberdade, foi com ela que os americanos puderam perceber o interesse dos Cubanos em retomar as relações diplomáticas com seu país. (JOSÉ REINALDO CARVALHO, 2015)

Allan Gross, nos últimos tempos de sua prisão, se recusava a receber a visita de familiares ou de representantes do escritório de interesses americanos em Havana em protesto contra o que considerava ser um desinteresse dos EUA pela sua libertação. Os três presos cubanos voltaram nos braços de uma multidão de compatriotas que os recebeu enquanto Allan Gross teve recepção discreta. Mas é quando se rememora a história recente das relações entre Cuba e EUA que temos ideia do significado transcendental para a ilha socialista da retomada das relações com o poderoso vizinho do Norte. (JOSÉ REINALDO CARVALHO, 2015)

Assim, com força total, iniciou-se um dos mais importantes momentos históricos, não somente para os países envolvidos, como também para a história no mundo.



3.1. O avanço nas Relações Diplomáticas

Apesar de a retomada do diálogo entre Estados Unidos e Cuba ter iniciado em dezembro de 2014, oficialmente foi estabelecida no dia 1º de julho de 2015, com o cumprimento do acordo entre os presidentes Obama e Raúl. A partir de então, deu-se início à abertura das embaixadas dos países. Em 20 de julho de 2015 a embaixada de Cuba em Washington DC foi reaberta após 54 anos de fechamento, e, em 14 de agosto, Cuba respondeu a atitude americana reabrindo a embaixada estadunidense em Havana. (JOSÉ REINALDO CARVALHO, 2015)

O posicionamento dos EUA com Cuba, porém, continua o mesmo: alcançar o fim da revolução. Sabendo disso, durante a reabertura da embaixada Cubana em solo americano, o Ministro das Relações Exteriores de Cuba, Bruno Rodríguez Parrilla, fez um pronunciamento em relação a tal posicionamento dos EUA frente à Revolução Cubana. (JOSÉ REINALDO CARVALHO, 2015)

“Invocamos a memória de José Martí, que consagrou a vida à luta pela liberdade de Cuba e conheceu profundamente os Estados Unidos. Em seu livro ‘Cenas Norte-Americanas’, Martí nos deu uma nítida descrição da grande nação do Norte e fez o elogio do que existe de melhor nela. Também nos deixou a advertência do seu desmedido apetite por dominação que toda uma história de desencontros tem confirmado. Chegamos até aqui graças a condução firme e sábia do líder histórico da Revolução Cubana Fidel Castro Ruz, a cujas ideias sempre guardaremos lealdade suprema. Em 1959, os Estados Unidos não aceitaram a existência de uma pequena e vizinha ilha totalmente independente e alguns anos depois, muito menos aceitou uma revolução socialista que teve que defender-se e, desde então, encarna a vontade de nosso povo.” Bruno Rodríguez Parrilla. (JOSÉ REINALDO CARVALHO, 2015)

Os Estados Unidos não responderam ao pronunciamento de Parrilla. Após a abertura das embaixadas, houve um crescimento de 54% de turistas americanos em visita a Cuba e o embargo econômico na ilha já apresentou um grande declínio. (BBC, 2016)

Para concluir de vez com a retomada diplomática entre os dois países, o então presidente americano Barack Obama fez uma visita ao país de Cuba, no dia 22 de março de 2016. Em Havana, o primeiro presidente americano a visitar Cuba após 88 anos pediu ao povo cubano liberdade política, religiosa e de expressão.



"Tenho que falar honestamente sobre as coisas que eu e o povo americano acreditamos. Eu acredito, mas não posso obrigar vocês a acreditar, mas acho que deveriam. Acredito que todos devem ser iguais perante a lei e que não devem ter medo de falar o que pensam. Que todos devem ter liberdade para praticar a fé que acreditam e que devem votar em eleições democráticas. Os direitos humanos são universais, para americanos, cubanos e todo o mundo", afirmou Obama. (G1, 2016)

A queda do embargo econômico foi abordada como principal objetivo na retomada diplomática entre os países. Porém, é observada como um processo lento e que não se dará com a presença de Barack Obama na presidência dos Estados Unidos, já que seu mandato acaba em dezembro de 2016.

O futuro das relações diplomáticas entre EUA e Cuba será uma surpresa para todos, pois se deve observar como se dará o posicionamento sobre o tema do novo presidente americano e como continuará o governo de Raúl Castro frente à abertura econômica proporcionada pelos EUA.

Penna, por sua vez, enfatiza que o efeito da reaproximação poderá mudar “substancialmente” o país e influenciar na abertura política da ilha. “Quem quiser ver a parte histórica de Cuba, a parte que não se desenvolveu e o retrato do socialismo no país, deve ir rapidamente para a ilha. Em pouco tempo, o ambiente deve mudar muito e o reflexo da chegada de bens de consumo pode influenciar diretamente na vida da população, sobretudo na mais jovem”. Palpita. Martínez acredita que Cuba deixará o seu legado histórico na resistência e no contraponto do pensamento independente na América Latina. Mas avalia que “ainda é cedo para dizer o que vai acontecer”, quando perguntado se isso poderia ser o fim da era Castro. Mais contundente, Penna acredita que podem ser esperadas mudanças, ainda que Raúl Castro passe o governo a um sucessor na intenção de manter a mesma linha de governo. “Com mais abertura, mudanças poderão ser exigidas, sobretudo pelos mais jovens.” O especialista em relações internacionais da Universidade de Brasília (UnB) Pio Penna, entretanto, avalia que a pressão dos países vizinhos ou mesmo do Vaticano não foi a principal razão. “O que aconteceu foi que Obama já tinha esta meta, simplesmente pelo fato de que o embargo é anacrônico e inconcebível nos dias de hoje” defende.

A retomada diplomática não foi somente feita pelos dois países envolvidos. Muitos outros países participaram, de certo modo, deste acontecimento histórico. A volta do diálogo, além do apoio de vários países, teve, também, a intermediação do Vaticano e do Papa Francisco.

3.2. O papel de outros países e do Papa Francisco na retomada das relações diplomáticas



Para que a retomada das relações diplomáticas entre Estados Unidos e Cuba não fosse somente um sonho, outras pessoas tiveram que interferir na política interna dos dois países, como é o caso do Papa Francisco.

Com o intuito de promover a paz mundial, o Papa Francisco enviou cartas para o presidente americano Barack Obama e ao presidente cubano Raúl Castro, com um apelo para que ambos os países deixassem a política imposta pela Guerra Fria de lado e retomassem acordos políticos entre si. Ambos os países responderam ao Papa Francisco, afirmando que era um desejo fazer uma aproximação entre eles. O pedido do Papa foi concretizado pelo Vaticano quando delegações dos dois países foram recebidas para uma primeira conversa entre si, onde foi realizado o acordo de soltura dos prisioneiros cubanos em solo americano e do prisioneiro americano em solo cubano, com mediação do próprio Vaticano. Com o acordo sendo realizado, o Papa Francisco expressou a sua felicidade pela decisão tomada pelos países, marcando assim a sua participação nesse evento histórico que foi a retomada das relações diplomáticas entre EUA e Cuba. (UOL, 2014)

Outros países também contribuíram para que os EUA desejassem a retomada das relações diplomáticas com Cuba, sendo eles os países Latino-americanos, que rejeitavam fortemente o isolamento imposto por Estados Unidos a Cuba. Os países latino-americanos convidaram Cuba para ser Estado membro de novos organismos criados em conjunto, enquanto que o governo americano não era convidado a participar, motivando os EUA a fazerem uma mudança política em seu sistema. O Brasil também deu uma contribuição à análise americana sobre o posicionamento em relação a Cuba, incluindo-o em seus acordos internacionais e reuniões diplomáticas. (NEUSA MARIA PEREIRA BOJIKIAN E MARCOS CORDEIRO PIRES, 2015)

O sucesso da reaproximação EUA-Cuba tem muita relação com a liderança exercida pelo Brasil. Em 2008, a diplomacia brasileira, em uma demonstração de organização e capacidade de comando, reuniu toda a região na Costa de Sauípe (BA) para a Cúpula do Mercosul (Mercado Comum do Sul). Em outra ocasião, promoveu também a Cúpula da União das Nações Sul-Americanas (Unasul), além da Cúpula da América Latina e Caribe (CALC), a partir da qual foi formalizada, em 2010, a criação da CELAC (Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos). Na CALC, pela primeira vez, reuniram-se todos os países da região, incluindo Cuba,



Canadá e Espanha, menos os EUA.

Durante a CALC os membros demonstraram a vontade de ser uma região autônoma de outras áreas ou países e de ser um ator internacional. As primeiras demonstrações dessa autonomia foram a inclusão de Cuba nas iniciativas latino-americanas e a exigência aos EUA para por fim ao isolamento da ilha caribenha. A reincorporação de Cuba na região foi reafirmada pelas visitas oficiais de diversos presidentes latino-americanos, durante o ano de 2009. Todos os encontros foram precedidos por reuniões entre Luiz Inácio Lula da Silva (então presidente do Brasil) com Fidel e Raúl Castro (Cuba). (NEUSA MARIA PEREIRA BOJIKIAN E MARCOS CORDEIRO PIRES, 2015)

Os fatos descritos, realizados por outros países e pelo Brasil, somente contribuíram para que a pressão nos americanos se intensificasse e a retomada das relações entre EUA e Cuba ocorresse.

A Colômbia, até então aliada dos americanos, foi outro país muito importante para que os americanos cedessem à pressão política. A Colômbia fechou uma relação importante com Cuba, fazendo com que os EUA percebessem que o isolamento imposto a Cuba não deveria mais existir.

O último passo importante, pelo qual Cuba tornou-se centro regional, foi a eleição de Havana pelo governo colombiano e pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) como sede para as negociações de paz. Neste caso, a mensagem é particularmente importante pelo fato de a Colômbia ser considerada, por seus vizinhos, um aliado dos EUA. Até pouco tempo seria impensável que o governo colombiano aceitasse Havana como sede de tal negociação. No entanto, para o país era importante afirmar que, mesmo sendo aliado dos EUA, não compartilhava a política de isolamento de Cuba. (NEUSA MARIA PEREIRA BOJIKIAN E MARCOS CORDEIRO PIRES, 2015).

Com todos os fatos apresentados, ficaria impossível para o governo americano não adotar uma medida política que mudasse o posicionamento referente ao país Cubano, pois, se não o fizesse, poderia ficar imposto ao mundo que os Estados Unidos da América possuem uma política antiga e não humanitária para com a sociedade de Cuba.

Várias nações mostraram o seu apoio ao retorno das relações políticas entre Cuba e EUA, tais como a Alemanha e a Espanha. O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, também declarou satisfação com o acontecimento.

O ministro do Exterior da Alemanha, Frank-Walter Steinmeier, disse que o anúncio é uma excelente notícia nesses tempos de crises e pode ser o início de uma ampla



aproximação e abertura. Ele disse ter grande respeito pela "coragem de Obama de quebrar com uma política de décadas, que só trouxe inércia, estupor e falta de perspectiva para as pessoas".

Para o chefe da diplomacia espanhola, José Manuel García-Margallo, trata-se de um sinal de "esperança", que poderá pôr fim a um "desencontro" que já dura meio século e garantir "um futuro melhor para o povo cubano". Ele recordou que Madrid sempre insistiu numa "solução de diálogo", construído "na base dos princípios da democracia e no respeito pelos direitos humanos".

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, também saudou "calorosamente" a decisão de Washington e de Havana de normalizarem as relações dos dois países, oferecendo a ajuda das Nações Unidas. "As Nações Unidas estão prontas para ajudar estes dois países a desenvolverem as suas relações de boa vizinhança", disse. Ele agradeceu aos líderes cubano e norte-americano "por terem tomado este importante passo no sentido da normalização das relações", sublinhando que os acontecimentos de hoje são "uma notícia muito positiva". (MADE FOR MINDS, 2014).

Apesar de incontestáveis manifestações de apoio, o presidente cubano Raúl Castro continua até hoje a dizer que as relações somente serão normalizadas quando o Embargo Econômico chegar ao fim, exigindo também que os Estados Unidos devolvam o território da base naval de Guantánamo. Assim, então, as relações poderiam perpetuar no tempo.(DEUTSCHE WELLE, 2015)

Somente o tempo irá dizer o que acontecerá com as relações diplomáticas entre os Estados Unidos da América e Cuba, restando aos demais esperar para que a história vá para frente ao em vez de retroceder ao passado.

CONCLUSÃO

O retorno do diálogo entre Estados Unidos e Cuba estava se dando de forma lenta, porém evolutiva. Um dos principais resultados desta retomada de relações foi a reabertura das embaixadas dos Estados Unidos da América em Cuba e a reabertura das embaixadas de Cuba nos Estados Unidos da América, o que ocasionou um grande número de estadunidenses visitando a ilha.



Entretanto, após a finalização do presente artigo, ocorreram as eleições presidenciais estadunidenses a qual elegeu Donald Trump o 45° Presidente dos Estados Unidos da América para seu mandato que começou em 2017. Donald Trump sempre foi um crítico da retomada das relações diplomáticas chegou a anunciar que iria cancelar o acordo feito por Barack Obama, mas que manteria alguns pontos, chegando a condicionar novos acordos somente com avanços democráticos na ilha.

Após tantos anos, Cuba e Estados Unidos retomaram as relações políticas e econômicas e, embora inicialmente o otimismo fosse grande para um possível fim do embargo, após as últimas eleições, houve retrocesso capaz de manchar esta retomada diplomática entre os países. Não se tem certeza do que ocorrerá num futuro próximo, mas que um pequeno avanço feito por Barack Obama, por mais que conturbado por Donald Trump, continua sendo um progresso.

REFERÊNCIAS

AMOEDO. **Independência de Cuba**. Zun. Disponível em:

<<http://www.zun.com.br/independencia-de-cuba-resumo/>> Acesso em 20 de ago. de 2016.

BOJIKIAN E PIRES, Neusa Maria Pereira e Marcos Cordeiro. **Retomada Histórica**. Unesp ciência. Disponível em: < <http://www.unespciencia.com.br/2015/05/retomada-historica/>>

Acesso em 01 de out. de 2016.

CARVALHO, Patrícia. **Independência de Cuba**. Cola da Web. Disponível em:

<<http://www.coladaweb.com/historia/independencia-de-cuba>> Acesso em 20 de jun. de 2016.



CARVALHO, José Reinaldo. **Retomada das relações diplomáticas entre Cuba e EUA: significado e desafios.** Blog do José Reinaldo. Disponível em:

<<http://www.zereinaldo.blog.br/index.php/706-retomada-das-rela%C3%A7%C3%B5es-diplom%C3%A1ticas-entre-cuba-e-eua-significado-e-desafios>> Acesso em 01 de out. de 2016.

DA SILVA, Thiago Ferreira. **Emenda Platt.** Disponível em:

<<http://www.infoescola.com/historia/emenda-platt/>> Acesso em 17 de abr. de 2016.

EFE. **Obama renova por mais um ano lei que aplica embargo a Cuba.** Disponível em:

<<http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2014/12/entenda-como-comecou-o-embargo-economico-dos-eua-cuba.html>> Acesso em 11 de set. de 2016.

ÉPOCA NEGÓCIOS ONLINE E AGÊNCIA EFE. **Entenda como começou o embargo econômico dos EUA a Cuba.** Disponível em:

<<http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2014/12/entenda-como-comecou-o-embargo-economico-dos-eua-cuba.html>> Acesso em 11 de set. de 2016.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. **Análise das Relações entre Cuba e EUA (1961-2011).**

Disponível em: <<http://www.mundorama.net/2011/04/13/analise-das-relacoes-entre-cuba-e-eua-1961-2011-por-pedro-ernesto-fagundes/>> Acesso em 20 de ago. de 2016.

FELIPE, Leandra. **Entenda a retomada do diálogo entre EUA e Cuba.** Agência Brasil.

Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2014-12/entenda-retomada-do-dialogo-entre-eua-e-cuba>> Acesso em 01 de out. de 2016.

G1. **Assembleia Geral da ONU condena embargo econômico dos EUA a Cuba.**

Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/10/assembleia-geral-da-onu-condena-embargo-economico-dos-eua-cuba.html>> Acesso em 11 de set. de 2016.



G1. **Entenda o Embargo Econômico.** Disponível em:

<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/12/entenda-o-embargo-dos-eua-cuba.html>> Acesso em 11 de set. de 2016.

G1. **Obama e Raúl Castro anunciam retomada das relações de Cuba e EUA.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/12/obama-e-raul-castro-anunciam-restabelecimento-de-relacoes-de-cuba-e-eua.html>> Acesso em 11 de set. de 2016.

G1. **Obama pede liberdade em Cuba e fim de embargo em discurso histórico.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/03/em-cuba-barack-obama-diz-que-vai-trabalhar-pelo-fim-do-embargo.html>> Acesso em 01 de out. de 2016.

HERRMANN, Eduardo. **Em momento histórico, relembre 12 atritos entre Cuba e EUA.** Terra. Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/mundo/estados-unidos/em-momento-historico-relembre-12-atritos-entre-cuba-e-eua,bc4daa2fb8c0b410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>> Acesso em 11 de set. de 2016.

JUNIOR, Antonio Gasparetto. **Crise dos Mísseis de 1962.** Info Escola. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/crise-dos-misseis-de-1962/>> Acesso em 11 de set. de 2016.

JUNIOR, Antonio Gasparetto. **Prisão de Guantánamo.** Info Escola. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/prisao-de-guantanamo/>> Acesso em 20 de ago. de 2016.

LOGOS, Gabriel. **Cuba: Colonização e Independência.** Cubageo. Disponível em: <<http://cubageo.blogspot.com.br/2010/04/colonizacao-e-independencia.html>> Acesso em 20 de ago. de 2016.

MADE FOR MINDS. **EUA e Cuba anunciam reaproximação histórica.** Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/eua-e-cuba-anunciam-reaproxima%C3%A7%C3%A3o-hist%C3%B3rica/a-18138159>> Acesso em 01 de out. de 2016.



PERCÍLIA, Eliene. **Cuba**. Brasil Escola. Disponível em
<<http://brasilescola.uol.com.br/historia-da-america/historia-cuba.htm>>. Acesso em 07 de set.
de 2016.

SANTIAGO, Emerson. Guerra Hispano-Americana. Info Escola. Disponível em:
<<http://www.infoescola.com/historia/guerra-hispano-americana/>> Acesso em 20 de ago. de
2016.

SALTINI, Leandro. **História de Cuba**. Cuba. Disponível em:
<<http://www.cuba.com.br/sobre-cuba/historia-de-cuba>> Acesso em 20 de jun. de 2016.

SOUSA, Rainer. **Independência Cubana**. Disponível em:
<<http://brasilescola.uol.com.br/historia-da-america/independencia-cubana.htm>> Acesso em 17
de abr. de 2016.

TERRA. **ONU aprova resolução que condena embargo dos EUA a Cuba**. Disponível em:
<<http://noticias.terra.com.br/onu-aprova-resolucao-que-condena-embargo-dos-eua-a-cuba,5cab8705142c08e04f4cdda7c7b138ees0v66hkv.html/>> Acesso em 11 de set. de 2016.

VICENTINO E DORIGO, Cláudio e Gianpaolo. **História Geral e do Brasil. Volume 3**. São Paulo: editora Scipione, 2012.

WELLE, Deutsche. **EUA e Cuba retomam relações e abrem embaixadas após 54 anos**. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/eua-e-cuba-retomam-relacoes-e-abrem-embaixadas-apos-54-anos-2070.html>> Acesso em 01 de out. de 2016.